

## YEHUDA HA-LEVI E A QUESTÃO DO CONHECIMENTO

Cecilia C. Cavaleiro de Macedo\*

Andy Willy Marques\*

### Introdução



Por muito tempo falou-se no período medieval como tendo sido um período das trevas, em outras palavras, um período onde nada se produziu no campo da filosofia e que esta era apenas serva da teologia. No entanto, uma análise mais detida nos mostra que a relação entre filosofia e teologia no medievo é muito mais complexa do que parece. No que se refere à filosofia do judaísmo propriamente dita, pouco se estudou sobre esse tema, pois o interesse dos estudiosos pelo período medieval é prioritariamente quanto ao estudo da filosofia cristã, relegando a um segundo plano o estudo da filosofia islâmica e, sobretudo, da filosofia judaica. Entretanto, como sabemos, a transmissão medieval da filosofia grega através dos autores muçulmanos e judeus é de extrema importância e, ainda que seja com vistas a um entendimento mais profundo das razões e das fontes dos filósofos cristãos, o estudo destes autores é imprescindível.

Uma das questões centrais para a filosofia é o problema do conhecimento. Na sociedade medieval que é estruturada tendo como base a religião a questão da possibilidade de alcançar um conhecimento válido e verdadeiro através da pura especulação filosófica se impõe quase como tema necessário. E, como a revelação é tida como verdade absoluta, as conclusões racionais não podem se opor a ela. No judaísmo, acredita-se na absoluta separação entre Deus e o mundo, não havendo qualquer tipo de semelhança entre eles. Deste modo, Deus é inacessível à razão humana e, portanto seu conhecimento não pode ser objeto da especulação filosófica. No entanto, diversos pensadores judeus se esforçaram na defesa racional dos preceitos da fé, como os adeptos do chamado Kalam judaico, e em especial Saadia Gaon, “no sentido de expor

---

\* Doutora em Ciências da Religião; Professora Adjunta de Filosofia Medieval Judaica Unifesp.

\* Graduando em Filosofia Unifesp.

sistematicamente os princípios e fundamentos da religião mosaica, harmonizando a tradição com o pensamento filosófico e científico de seu tempo” (FALBEL, 2007, p. 734). Ao lado desses pensadores mais racionais, encontramos também outros mais fideístas, que defendem que a verdade revelada é necessariamente superior à especulação racional e estas duas não necessariamente precisam coincidir, nem a segunda precisa servir à primeira, posto que a revelação basta por si. Este pequeno artigo se insere precisamente neste contexto, e busca apresentar brevemente a figura de um pensador importante no período e sua obra o Kuzari.

## **Yehuda Ha-Levi**

Yehuda Ben Samuel Ha-Levi, conhecido no mundo islâmico como Abu-I Hassan Al-Levi foi poeta, teólogo e médico. Esta última ocupação garantiu que jamais passasse necessidade econômica, ao contrário de muitos de seus contemporâneos que foram obrigados a viver de poesias encomendadas. Hoje em dia, considera-se plenamente estabelecido que tenha nascido em Tudela, Espanha, entre 1070 e 1076, “e não em Toledo como vinham afirmando os autores desde Steinschneider e ainda consignam alguns manuais de história literária” (ORFALI, 1997, p. 60); mas, alguns autores modernos, como Julius Guttmann (GUTTMANN, 2003, p. 147), seguem apontando Toledo como sua terra natal.

Ainda jovem, mudou-se para Lucena, cidade que possuía uma importante escola talmúdica, com o fim de estudar. Esteve também em Córdoba e Sevilha, depois se estabeleceu em Granada, onde residiu a convite de seu amigo Moshe Ibn Ezra. De lá, consta que foi a Almeria antes de partir em direção à terra Prometida, viagem esta que teria sido a realização de seu maior sonho. Sobre a data de sua morte não há consenso entre os estudiosos. Sabe-se que em 1140 embarcou rumo ao Egito, com o fim de rumar a partir dali à Palestina. As últimas indicações confiáveis que dispomos sobre o autor datam de 1141, quando, ainda no Egito, embarca para a segunda parte de sua jornada. Não tardou a chegar a notícia de sua morte, cujas circunstâncias específicas ainda nos são desconhecidas. É comum a lenda de que Ha-Levi teria sido morto em Jerusalém enquanto recitava uma poesia, mas não há evidências históricas que justifiquem tal fato.

Em virtude do momento histórico-político no qual viveu, este filósofo judeu sofreu influência tanto do mundo islâmico como do mundo cristão. Por ser um período caracterizado pelos conflitos internos entre os muçulmanos – que dominavam a península desde o século VIII – para a comunidade judaica de *Sefarad*<sup>1</sup> este é, sem dúvida, um momento de profunda indefinição e instabilidade. Com a chegada dos Almorávidas<sup>2</sup> na Península Ibérica a comunidade judaica já não gozava da relativa liberdade de outros tempos e a situação se agrava ainda mais com a entrada dos Almôadas:

A chegada de Yusuf Ben Tasifin à frente dos Almôadas, em substituição aos Almorávidas de Al-Andalus, significou uma mudança para todos os judeus desta zona. Se bem que, na origem, os Almorávidas tenham perseguido o povo semita, esta perseguição se multiplicou terrivelmente com a chegada dos Almôadas, de modo que, muitos sefaradis, entre eles Yehuda, com seu amigo Yoseph Ben Ezra, fugiram em busca de refúgio. (GARCÍA; SORIANO, *Introducción*, In HA-LEVI, 2001, p. 10).

Além disso, este é um período permeado por constantes conflitos entre muçulmanos e cristãos. O esplendor do califado de Córdoba já chegara ao fim, assim como a relativa liberdade do período de *Taifas*<sup>3</sup>. O período de vida deste autor transcorre em pleno processo de queda do domínio islâmico, uma vez que a ofensiva de reconquista cristã retoma, cada vez mais rapidamente, os territórios da península.

Do espírito de tolerância e de convivência inter-religiosa que caracterizara o governo muçulmano do califado e de alguns reinos de Taifas, pouco restou. Simultaneamente, os reinos cristãos foram, a partir dessa primeira data, pouco a pouco retomando os territórios perdidos. Toledo, reconquistada pelos cristãos em 1085, jamais foi recuperada pelos muçulmanos, e até mesmo Zaragoza caiu sob o domínio cristão, assim como outros importantes territórios andaluzes. (CAVALEIRO DE MACEDO, 2004, p. 15).

Assim, Yehuda Ha-Levi encontra refúgio na cidade de Toledo, recém conquistada para o mundo cristão por Alfonso VI. Talvez sua vivência entre estas duas civilizações inimigas em disputa pela Península Ibérica tenha influenciado profundamente o caráter de suas obras, conduzindo ao forte tom apologético notado tanto em sua poesia quanto em sua principal obra filosófica, *O Kuzari*.

---

<sup>1</sup> Nome que os judeus davam à Espanha.

<sup>2</sup> Almorávidas e Almôadas são confederações de tribos berberes originárias do norte da África que governaram a Espanha no final do período do domínio muçulmano.

<sup>3</sup> Pequenos reinos formados após a dissolução do Califado de Córdoba.

Yehuda Ha-Levi ficou conhecido como um dos maiores poetas religiosos do judaísmo. Sua obra poética é bastante extensa, tanto no campo secular quanto litúrgico. Particularmente cabe ressaltar a importância do pensamento de Ha-Levi em relação à Terra Prometida, expresso especialmente nas chamadas *Siônidas*, ou poemas de Sion. Estas são peças de caráter nacionalista, nas quais a angústia do exílio e a exaltação da Palestina passam a um âmbito íntimo e pessoal e assumem uma nova expressão. Estes poemas são praticamente uma marca registrada de Ha-Levi, não tendo paralelo exato em nenhum dos autores judeus do período:

Motivos da poesia árabe, fontes hebraicas e vivências pessoais se entrelaçam nos cantos de Sion, criando um universo poético que escapa ao comumente aceito. Fortes sentimentos nacionais e religiosos inundam seus versos e uma grande carga emocional envolve seu desejo de chegar a Jerusalém. Certo é que a saudade e o desejo da terra de Israel estão presentes em muitos outros poetas e constitui uma idéia habitual no marco da poesia religiosa hebraica, mas é uma nostalgia abstrata, sentida mística e intelectualmente, o que normalmente se reflete. No entanto, Yehuda Ha-Levi transfere ao âmbito pessoal e íntimo esta memória coletiva, e o desterro e a marcha à terra prometida adquirem uma nova dimensão. (SALVATIERRA, 1994, p.56).

A produção poética considerada como pertencendo a este gênero nacional é particularmente importante, uma vez que refletirá um tema recorrente no pensamento de Ha-Levi, o qual aparecerá também, ainda que de modo diferente, em sua obra principal, O Kuzari. Não há como compreender o pensamento do autor sem considerar que “no centro do pensamento de Yehuda Ha-Levi encontra-se a idéia que percorre todo o judaísmo: a eleição do povo de Israel” (DORON, 1985, p. 108).

## O Kuzari

Ainda que possamos afirmar que sua intenção principal tenha sido essencialmente teológica, Ha-Levi é situado no âmbito da filosofia em virtude do conteúdo filosófico exposto em sua obra, o “Livro da prova e fundamento da religião menosprezada”, que ficou conhecido como “O Kuzari”. O livro foi escrito em árabe entre 1130 e 1140, sob o título *Kitâb al-huyya wal-daîl fî nusr-al-dîn al-dalil*, em forma de diálogo, influência do modelo platônico amplamente utilizado neste período.

Nesta obra, o autor expõe um sólido conhecimento das teorias filosóficas discutidas em sua época, ainda que não possamos caracterizar claramente seu

pensamento frente às escolas de seu tempo. Em realidade, costuma-se situar Ha-Levi como um filósofo neoplatônico para fins estritamente de periodização, uma vez que este é o modelo afirmado na filosofia judaica por Isaac Israeli e Salomão Ibn Gabirol, e que veio a se tornar dominante entre os séculos XI e XII. A rigor, “a singular figura de Yehuda Ha-Levi não pertence a nenhuma escola filosófica. Apenas o fato de que alguns traços de seu pensamento o unem à tradição neoplatônica justifica discuti-lo nesse contexto” (GUTTMANN, 2003, p. 147).

Yehuda Ha-Levi não parte da razão, tampouco da experiência mística, mas da experiência coletiva de seu povo como o mais válido instrumento para chegar ao conhecimento de Deus, à ética e às virtudes morais. Nunca desejou menosprezar a razão, mas pensa que os problemas do coração e da alma do homem estão mais além das argumentações racionais. Ao basear-se na experiência e na tradição judaica, é evidente para ele que o judaísmo é o único caminho verdadeiro, daí que seja o menos “ecumênico” (VARELA MORENO, In MAESO, 2001, p. 34).

O Kuzari “Livro da prova e fundamento da religião menosprezada”, é organizado em cinco discursos, e narra a história de um Rei (o rei dos Khazares) que se converteu ao judaísmo. Um anjo aparece em sonhos para o Rei lhe dizendo: “tua intenção agrada ao criador, mas as tuas obras não lhe são gratas”. Diante de tal situação o Rei chama um filósofo, um erudito cristão e um erudito muçulmano para interrogá-los acerca de suas crenças. É a partir disso que se inicia o diálogo.

Não obtendo uma resposta satisfatória daqueles sábios, o Rei chama um sábio judeu. A partir daí, o diálogo prossegue, discutindo e aprofundando questões referentes à filosofia e às doutrinas da religião judaica. Este, por sua vez, convence o Rei da veracidade e superioridade do judaísmo.

Como veremos, Yehuda Ha-Levi rompe com a tradição racionalista de seus predecessores judeus e, não tenta identificar o judaísmo com a verdade racional, ou seja, a filosofia. O primeiro discurso transcorre deste modo, com o diálogo entre o rei e o sábio judeu sobre questões referentes à filosofia e às doutrinas da religião judaica.

No segundo discurso, Ha-Levi afirma que podemos dizer que os atributos de Deus são de três classes, a saber, ativos, acessórios e negativos. Essa questão dos atributos negativos será largamente discutida e aprofundada por outros teólogos e filósofos judeus. O filósofo faz algumas análises sobre a alma racional e a alma intelectual, afirmando que é necessário que todo o temperamento esteja disposto e

preparado para receber o império da alma racional. Ha-Levi afirma que aquele que receber a Lei com coração perfeito, sem querer alcançar esta por meio do entendimento, será muito mais excelente que aquele que quiser especular sobre essas coisas através do entendimento. Segundo Ha-Levi, a relação da divindade para conosco é semelhante à união da alma para com o coração. No final do discurso segundo Ha-Levi faz alguns comentários acerca da língua hebraica.

No terceiro discurso, Ha-Levi diz que ao contrário dos filósofos que se afastam do mundo para supostamente purificar seus pensamentos, tendo em vista assim alcançar as verdades sobre as coisas que têm dúvida, o homem religioso não deve se afastar do mundo, pois quem age dessa forma só consegue ficar doente da alma e do corpo. Segundo Ha-Levi, o homem piedoso deve contribuir para satisfação de cada faculdade, dando as naturais o que lhe corresponde de descanso e sono, e dando as vitais o que lhes corresponde de vigília e movimento nas ações mundanas. Há também neste discurso uma crítica aos caraítas, uma das seitas existentes no judaísmo da época.

No quarto discurso, Ha-Levi se atém à questão do conhecimento, que será melhor explorada mais adiante. O Rei Kuzari questiona o sábio judeu sobre como se pode designar com um nome próprio aquele sobre o qual não se tem qualquer conhecimento e aquele de que só se constata o ser através de suas obras, ao que ao judeu responde que devemos designá-lo por conhecimento profético e por visão espiritual, pois as provas e razões intelectuais são falsas. Aqui Ha-Levi revela seu lado mais fideísta, apresentando como modelo de conhecimento o patriarca Abraão que abandonou todas as suas especulações intelectuais e se voltou para busca da vontade de Deus.

Por fim, no quinto e último discurso Ha-Levi afirma que as quantidades e as qualidades das coisas sensíveis ao podem ser alcançadas por meio dos sentidos. Segundo Ha-Levi, a alma consta dos movimentos e do sentimento dos animais, que diferem dos movimentos e dos elementos, e sua causa é chamada alma ou faculdade animal. As faculdades animais se dividem em três partes, a saber, faculdade vegetativa, faculdade sensitiva e faculdade racional. Afirma que tudo que tem forma intelectual em si, é substância incorpórea e subsiste por si, e dessa natureza é o conceito da forma inteligível que concebe a alma em sua perfeição. E assim a alma alcança a união com essa substância intelectual.

## A questão do conhecimento

Conforme já indicado, os argumentos em relação ao tema específico do conhecimento são mais abundantes no quarto discurso. Neste, o sábio judeu explica que o termo *Elohim* é epíteto e atributo que significa dominador e juiz. Algumas vezes se entende em sentido absoluto, outras vezes em sentido particular. As nações idólatras entendiam que as virtudes ou faculdades que governam o corpo e as virtudes que governam o mundo são muitas, tendo muitos deuses. As virtudes ou faculdades não são mais que as causas dos movimentos, porque cada movimento procede de uma virtude diferente; todas essas nações não entendiam que havia uma primeira virtude ou supremo poder da qual procedem todas as demais virtudes e poderes.

O Rei Kuzari questiona o sábio judeu sobre como se pode designar com um nome próprio aquele do qual não se dispõe de nenhum conhecimento e aquele de que só se constata o ser por suas obras, ao que ao judeu responde que devemos designá-lo através do conhecimento profético e por visão espiritual, pois as provas e razões intelectuais são falsas. Segundo o judeu, foram razões intelectuais que levaram aqueles que defendiam a eternidade do universo a afirmar que a esfera celeste era eterna, que era causa de si mesma e causa de outra causa, e também foram as razões intelectuais que levaram alguns a adorar o Sol e o fogo. Acrescenta que, dentre todas as demonstrações e razões intelectuais, a mais sutil é a filosofia. Para ele, foram precisamente as razões filosóficas que levaram os estudiosos a afirmar que Deus não faz bem nem mal e que o mundo é eterno como a eternidade de Deus.

A esta explanação segue-se uma discussão sobre o nome de Deus, pois os judeus acreditavam que o nome contém a essência do sujeito denotado. O sábio judeu faz uma comparação: vemos o Sol circular, com uma extensão superficial, como se fosse um escudo, e em sua forma, parece resplandecente, cálido e quiescente. O entendimento, por sua parte, julga que é um globo maior que o globo terrestre, e que não é cálido nem quiescente. Explica assim que “os sentidos não têm a faculdade de alcançar as substâncias das coisas, mas são dotados de uma faculdade particular para alcançar seus acidentes, e, por meio deles, consegue o entendimento e a prova da substância das coisas e sua causa” (HA-LEVI, 2001, p. 201). Assim, a essência da coisa

só é compreendida pelo entendimento perfeito, que é entendimento em ato, e este entendimento alcança as coisas e as essências sem necessidade de intervenção dos acidentes.

O entendimento humano é entendimento em potência e não pode alcançar a verdade das coisas senão por meio de certas faculdades que lhe foram concedidas pelo Criador e que foram estabelecidas nos sentidos a fim de alcançar os acidentes das coisas sensíveis; estas faculdades se encontram em toda a espécie humana em um mesmo modo. O Criador, com sua sabedoria, estabeleceu uma proporção entre o sentido oculto e a coisa que não é corporal e elegeu, dentre as suas criaturas, algumas que dotou com um “olho oculto” capaz de ver as coisas tais como são, visão esta que constitui para o entendimento a prova sobre essas coisas e sua essência. Esse olho é a potência imaginativa servindo a potência intelectual.

Não creias no filósofo quando diz que o pensamento se compõe ordenadamente até que possa alcançar todas as coisas necessárias para conseguir o temor e o amor de Deus só com o entendimento, sem necessidade de nenhum meio sensível, prescindindo da comparação de palavras e da escritura, e de formas visíveis ou imaginárias. Poderás comprovar por ti mesmo que não podes compreender todas as coisas contidas em tuas orações só com o pensamento, sem leitura (HA-LEVI, 2001, p. 208).

As coisas que não se alcançam por consideração intelectual não podem ser admitidas se não se vêem. Assim, pois, se foram recebidas e confirmadas pelos Profetas é porque estes não puderam negar o que viram com o olho espiritual, por meio do qual lhes foi concedido ver a excelência dessas coisas. Os filósofos são como os que têm alguma lesão nos olhos, incapazes de ver aquela luz. Por isso, é preciso que sigamos os homens de vista clara que nos precederam e que tiveram virtude para vê-la, ou seja, os Profetas.

Através das palavras do sábio judeu, Ha-Levi defende que o homem que tem religião é, por natureza, muito distinto do filósofo, pois o que professa uma religião busca a Deus sem ter em conta a utilidade que supõe alcançar seu conhecimento. O filósofo, ao contrário, pretende tão somente saber que há Deus e dizer dele a verdade, e pretende isso no mesmo sentido em que pretende saber e demonstrar que a Terra está no centro da grande Esfera e não no centro da Esfera das estrelas, por exemplo. Desse modo, todo seu conhecimento tem como único objeto alcançar a verdade das coisas a fim de fazer-se semelhante ao entendimento agente e unir-se a ele.



Para o sábio judeu, a verdadeira fé consiste em deixar de lado as coisas que não são necessárias, pois Abraão alcançou por especulação natural a deidade e a unidade antes de falar com Deus em visão, e depois abandonou todas as suas especulações intelectuais e se voltou para busca da vontade de Deus; e foi Deus mesmo quem lhe mostrou Sua verdadeira Vontade.

Ainda que Yehuda Ha-Levi seja pouco conhecido nos meios filosóficos laicos ou cristãos, a influência do autor alcançou a posteridade, através do estudo dos autores modernos. Até hoje a obra de Ha-Levi é estudada nos meios religiosos judaicos e este tem sua expressão filosófica renovada justamente pela retomada de sua temática nos escritos de um dos mais importantes filósofos/teólogos do século XX, o alemão Franz Rosenzweig (1886-1929). Especialmente na sua obra “A estrela da Redenção”, na qual confere uma dimensão filosófica a conceitos como criação, revelação e redenção, Rosenzweig veio, por sua vez, a influenciar filósofos mais recentes como Walter Benjamin e Emmanuel Lévinas, entre outros.

Entre Rosenzweig e Yehuda Ha-Levi se dá uma relação especial: ambos preferiam a realidade, a substância real, acima da essência espiritual pura. Rosenzweig se sentia próximo a Yehuda Ha-Levi pelo rechaço de ambos à atitude reflexiva metafísica e sua preferência pela comprovação concreta experimental. Ainda assim, ambos viam no povo de Israel um fenômeno único em seu gênero, relacionado ao conceito de eleição. (...) No que diz respeito à posição central que ocupa a essência nacional judia, ocorre quase um consenso entre Yehuda Ha-Levi e Rosenzweig, ainda que haja diferenças nos modos de formulação deste conhecimento, já que Rosenzweig considera Yehuda Ha-Levi como o único pensador que viu o pensamento judaico sobrepondo-se à relação não reflexiva entre o povo e o motivo de sua existência. (DORON, 1985, p. 108)

### **Referências Bibliográficas:**

DORON, Aviva (1985). *Yehuda Ha-Levi, repercusión de su obra*. Barcelona: Riopiedras, 1985.

FALBEL, Nachman (2007) “O Kalam e sua influência no pensamento de Sa’adia Ben Joseph Al-Fayyumi”, *In PEREIRA, O Islã Clássico, Itinerários de uma cultura*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

GUTTMANN, Julius (2003). *A Filosofia do Judaísmo*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

HA-LEVI, Yehuda (2001). *El Cuzary. Libro de la prueba y de la demostración em defensa de la religión menospreciada*. Índigo, 2001.

MAESO, David Gonzalo (2001), *El legado del judaísmo español*. Introducción de Maria Encarnación VARELA MORENO. Madrid: Trotta, 2001.

ORFALI, Moisés (1997). *Biblioteca de autores Lógicos Hispano Judíos (siglos XI-XV)*. Granada: Universidad de Granada, 1997.

SALVATIERRA OSSORIO, Aurora (1994). *La muerte, el destino y la enfermedad en la obra de Y. Ha-Levi e S. Ibn Gabirol*. Granada: Servicio de Publicaciones de La Universidad de Granada, 1994.